

# Cinco milhões de pessoas podem ter SIDA em África

**Cinco milhões dos 550 milhões de habitantes da África podem estar infectados com o vírus do SIDA, estimou um pesquisador do Zimbábwe durante uma conferência regional sobre doenças transmitidas sexualmente, em Harare.**

O médico Godfrey Sikipa, membro da comissão consultiva sobre SIDA do Ministério zimbabweano da Saúde, falou na abertura, segunda-feira, da 5.ª Conferência Regional Africana sobre Doenças Transmítidas Sexualmente, em que participam 160 delegações representando 33 países.

Sikipa declarou que as pesquisas demonstraram que o SIDA começou a

propagar-se por volta de 1980 a partir do Ruanda e do Zaire, país denominado «epicentro do SIDA» por alguns cientistas.

— Muitos investigadores concordam agora que o SIDA é uma doença nova na África e não tem estado escondida em aldeias remotas, disse Sikipa na conferência de cinco dias, organizada pela União Africana contra Doenças Venéreas.

Em África, o Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida ataca homens e mulheres e é propagada sobretudo por relações heterossexuais e transfusões de sangue, segundo Sikipa.

— Ao passo que nos Estados Unidos o número de homens doentes ultrapassa o de mulheres por 13-1, em África homens e mulheres têm sido pouco mais ou menos igualmente afetados, acrescentou.

Os cientistas afirmam que as pessoas infectadas com o vírus não contraem necessariamente o SIDA.

Em Janeiro, 34 países africanos comunicaram 2 324 casos de SIDA à Organização Mundial de Saúde (OMS), encabeçando a lista o Uganda, com 1 138 casos.

A Nigéria, o país mais populoso da África com 105 milhões de habitantes, foi um dos 16 Estados africanos que em Janeiro não comunicaram qualquer caso de SIDA à OMS. Mas em Abril o Governo nigeriano admitiu a existência de onze casos, três deles mortais.

Enquanto isto, cientistas afirmaram terça-feira que o AZT, um composto considerado útil no combate ao SIDA, pode também ser usado contra uma

larga série de vírus, incluindo um que pode provocar a leucemia.

Uma equipa de investigadores norte-americanos e japoneses do Instituto do Cancro, que descobriram em 1986 que o AZT prolonga a vida de pacientes do SIDA, apresentaram as suas últimas descobertas num documento divulgado na terceira conferência internacional sobre o Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida.

A conferência reúne mais de 7 000 investigadores e responsáveis pela Saúde, além de 700 jornalistas. — (LUSA).